

ONDE ESTÃO RACUMIM E RACUTIA EM TEMPOS DE TECNOLOGIA? OS FORMADORES DE LEITORES SÃO LEITORES?

Hadassa Quéren Camacho Teixeira do Santos¹
Ormezinda Maria Ribeiro²

Mas, em termos de ensino, não basta teorizar ou discursar sobre o valor da leitura. É preciso construir e levar à prática situações a serem concretamente vivenciadas de modo que o valor da leitura venha a ser paulatinamente sedimentado na vida dos educandos.

(SILVA, 1987, p. 85)

RESUMO

Apresentamos um trabalho que visa refletir sobre a formação de leitores com um foco na formação do professor-leitor e suas implicações na aprendizagem e formação de seus alunos no âmbito da leitura. O objetivo principal é verificar se a leitura do professor tem sido um fator crucial na aprendizagem de seus discentes e se essa formação também tem sido um fator estimulante ou desestimulante a eles em suas vidas como leitores. Buscamos, por meio de entrevistas realizadas com 81 licenciandos e egressos dos cursos de Letras Português, Pedagogia e bacharelandos dos cursos de Relações Internacionais, Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo e Letras Português, saber quais são as maiores influências no indivíduo para tornar-se um leitor ávido e crítico. As respostas indicam a necessidade de uma formação continuada que enfatize o trabalho com o letramento também do professor.

Palavras-chave: formação de leitores, letramento de professor, leitura.

1 Graduada em Licenciatura Português na Universidade de Brasília (UnB)

2 Professora Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, realizado na disciplina Seminário de Português, cursada no 1.2017. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras – IL/UnB

I - INTRODUÇÃO

Até o século IX a leitura era uma prática corriqueira na sociedade, os jornais eram fontes de notícias que aconteciam no mundo inteiro, porém, com o avanço da tecnologia e também com a invenção da televisão, cinema e rádio, a leitura foi posta, progressivamente, de lado a favor de uma opção oral e visual de entretenimento. Dessarte, as livrarias e bibliotecas passaram a ser menos visitadas e o livro, e conseqüentemente a leitura, foi subtraído do passatempo da comunidade em geral.

A leitura, bem como o ato de falar e escrever, é uma competência única do ser humano e não se pode negar que essa competência é uma ferramenta imprescindível para que o indivíduo seja inserido na sociedade. Portanto, não conseguir ler ou utilizar o código escrito implica a depreciação daquele que não teve acesso à educação, pois não terá habilidade para usá-los a seu favor.

Sabe-se que as crianças – que têm acesso à escola no tempo certo – são alfabetizadas no começo de sua educação básica e, pouco a pouco, reúnem as letras e percebem a lógica do sistema linguístico, constroem uma palavra aqui, uma frase ali e logo conseguem autonomia para ler sem a ajuda recorrente da “tia”. Entretanto, o que poucos percebem, inclusive professores responsáveis pela alfabetização de seus alunos, é que não basta “alfabetizar e deixar com que seus pupilos deslanchem na leitura”, é necessário haver professores que os motivem a ler e que os estimulem a se formarem bons leitores. Logo, para se formar bons leitores, leitores autônomos que entendam o que foi lido e usem essa habilidade para a transformação e compreensão de sua realidade, é imprescindível que haja um professor que seja exemplo nesses âmbitos. Afinal, como ensinar aquilo que não é vivido?

Desde muito cedo minha história com a leitura foi muito especial, pois fui agraciada com, além de pais que amavam ler, escolas que, de uma forma ou outra, me influenciaram a viajar nesse mundo dos livros. Uma escola que foi singular em todos os sentidos, principalmente, no que tange à leitura, foi a que eu estudei da minha 2ª a 4ª série – pública e considerada “escola modelo” –, porque ela buscava nos instigar a ler e se preocupava muito com a nossa formação como leitores, além

de despertar em nós, alunos, o desejo de sermos autônomos em nossa leitura e percepção de mundo.

Nessa escola havia um projeto – que hoje é muito conhecido – na biblioteca, onde havia “Os ratinhos da biblioteca”, professores que se vestiam à caráter e eram mais conhecidos como “Racumin e Racutia”. Esse projeto consistia em irmos, pelo menos uma vez na semana, à biblioteca e escutarmos histórias lidas por esses ratinhos, os quais sempre nos estimulavam a ler. Havia também brincadeiras que nos ajudavam em nossa oralidade e, no final, pegávamos um livro emprestado para lermos durante a semana.

Além de projetos que nos incentivaram a ler, existia também um projeto que nos instigava a escrever. Cada sala tinha um *valor* a ser estudado – bondade, igualdade – grudado na porta e escrevíamos vários textos sobre esse valor. Ao final do ano a professora selecionava o melhor texto de cada aluno para confeccionarmos um livro e publicarmos. Assim, nos sentíamos, mais do que nunca, autores da nossa própria história.

Após essa experiência, em meu Ensino Fundamental, continuei estudando em uma escola pública, a qual também considerada uma “escola modelo”, todavia, não fui tão incentivada a ler quanto na escola anterior (o que me causou profunda tristeza). Muitas vezes eu era desestimulada pelas famosas “leituras obrigatórias”, mas por ter sido incentivada desde pequena, tanto em casa como na escola, segui minha vida devorando os livros, ganhando prêmios por “ser a pessoa que mais pegou livro na biblioteca” e me destacando em provas que exigiam interpretação de texto.

Por causa dessa minha paixão e por causa do incentivo que tive para a leitura, meu amor incondicional pela docência e minha preocupação com a displicência com que estão tratando a leitura, instigou-me a refletir sobre o quanto essa tem sido negligenciada por professores. Não me refiro somente à questão de alunos-não-leitores, mas principalmente ao fato de professores, que deveriam ser leitores com uma boa fundamentação teórica e metodológica e também exemplos de leitores ávidos, se tornarem rasos, acomodados e ainda perderem a oportunidade de apresentarem o mundo da leitura aos seus alunos.

O objetivo deste artigo é refletir um pouco mais sobre essa questão acerca da formação de leitores e, sobretudo, refletir sobre o comportamento docente em relação aos alunos. Busca-se também pensar se estamos sendo professores que se preparam adequadamente para ministrar aulas, se como docentes damos a devida atenção às nossas leituras – sejam elas complementares ou de recreação – e também refletir se somos aqueles que incentivam ou aqueles que desanimam os alunos em relação à leitura e às demais competências linguísticas.

De início, este artigo seria voltado aos profissionais e graduandos de Letras português e Pedagogia, por entender a importância destes no que se refere à formação de leitores, porém, por falta de atenção e falha na leitura, muitos profissionais de outras licenciaturas responderam o questionário digital que confeccionei. Devido à riqueza do trabalho ao aceitar respostas de profissionais de áreas diversas, optei por abranger a pesquisa e consenti suas participações.

II – O QUE É LER?

Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa – DPLP (2008-2013)*³ que tem como base o *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa (1996 e 1999)*, o vocábulo “Ler” é definido como:

“Ler (latim *lego*, -ere, reunir, juntar, colher, apanhar, ler)

Verbo transitivo e intransitivo

1. Interpretar o que está escrito; proceder à leitura de (ex.: *ler um livro, aprender a ler*).

Verbo transitivo

2. Decifrar através do reconhecimento de um determinado código (ex.: *ler uma partitura de uma música, ler um gráfico estatístico*)

3. Fazer a interpretação de (ex.: *ler a obra de um filósofo*) = INTERPRETAR.

4. Dar certo sentido a (ex.: *foi fácil ler no rosto dela o medo que sentiu; ler o pensamento de alguém*) = INTERPRETAR, PERCEBER.

5. Predizer, adivinhar (ex.: *ler o futuro*).

6. Reconhecer os dados gravados em (ex.: *ler um CD*).

Verbo intransitivo

3

Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>>. Acesso em 24 de mai. 2017.

7. Dedicar-se à leitura (ex.: *passa o tempo livre a ler*). ”

No *Dicionário Larousse Ilustrado da Língua Portuguesa* (2004), tem-se a seguinte definição:

Ler *v.t* (lat. *legere*) [conj. 42]. 1. Reconhecer, compreender os sinais gráficos de uma língua. 2. Tomar ou dar conhecimento do conhecimento do conteúdo de um escrito. 3. Reconhecer ou interpretar um conjunto de sinais diferentes da escrita (música, gráficos etc.). 4. *Fig.* Desvendar, compreender. **Inform.** Reconhecer (um computador) uma informação armazenada em suporte magnético (disquete, fita etc.). *v.i.* Saber reconhecer as letras do alfabeto, juntando-as em palavras.

Segundo Solé (1998, p. 171), por muito tempo foi considerado que o processo de leitura seria como uma sequência na qual o aluno percorre algumas etapas, as quais podem se caracterizar como:

1º, a criança não sabe nada sobre a leitura (= não sabe o código); 2º, a criança aprende o código (= mecanismo); 3º, a criança já pode compreender (= mistério). Esta sequência não é válida, porque 1º, a criança sabe coisas relevantes sobre a leitura embora não saiba o código (= conhecimentos prévios relevantes); 2º, se deixarmos, a criança pode se basear nestes conhecimentos para aprender a leitura (= se ensina e se aprende a compreender e se ensina e se aprende o código em atividades significativas de leitura) e 3º, a criança pode aprender a utilizar a leitura como meio de aprendizagem e de prazer (= situações de ensino especificamente dirigidas para este fim).

Não se pode discordar sobre as diversas definições que esses e os demais dicionários trazem, porém, é mister entender que o ato de ler vai muito além do que a simples decodificação dos signos linguísticos. *Ler* é construir significados ao que se lê, é carregar em sua leitura conhecimentos outrora estudados e adquiridos pelo leitor, sabendo que tudo ao seu redor influencia, quer sejam crenças, posicionamento político, finalidades, costumes sociais ou objetivos. A leitura é um processo interativo, pois o livro traz informações e quem lê também traz uma nova significação e interpretação ao texto. Coadunando com esse pensamento, Solé (1998, p. 23) afirma que:

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias, e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Aprender a ler, de acordo com Solé (1998, p. 65)

[...] não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos.

Ribeiro (2006, p. 18) destaca que:

A urgência de se associar a leitura à construção de sentido é ponto básico das diversas pesquisas que realmente objetivam trabalhar o letramento como forma global de aprendizado. A mudança de atitude do professor tanto na identificação do processo como no desenvolvimento de uma leitura de construção de sentido é, ao nosso ver, o ponto de partida para um trabalho eficiente e, realmente, significativo se objetiva tornar o educando um leitor proficiente. A prática deve, ainda, levar o aluno ao uso competente da escrita que passa, de forma obrigatória, pelos processos de leitura. A preocupação em formar alunos leitores constitui hoje o eixo norteador das transformações educacionais que compõem a grande demanda social atual.

A leitura não pode ser só considerada como "dar sentido aos signos", pois soaria como automatismo. Ela deve ser, portanto, considerada como um gesto de prazer e por isso deve ser motivada desde criança pela família em parceria com a escola em que a criança se encontra, para que assim a leitura seja introduzida em sua rotina naturalmente e se torne aprazível ao longo dos anos.

Ribeiro (2006, p. 21) acrescenta que a leitura deve ser entendida como um processo de interação, o qual exige da escola que esta esteja inserida num modelo de uso social da linguagem. Assim, destaca que é necessário

considerar como elementos constitutivos da produção de sentido: o texto, os sujeitos interlocutores, o contexto sócio histórico, o explícito e o implícito no texto e a intertextualidade para que o indivíduo possa agir crítica e criativamente, fazendo-se sujeito historicamente capaz.

Em seu artigo, Elaine Forteski, Sueli Oliveira e Raquel Valério (2011, p. 122) ⁴ citam uma pesquisa feita pela *National Endowment for the Arts* na qual aborda o prazer da leitura regular e como ela ajuda aqueles que têm o hábito da leitura, em todas as áreas da vida, se for incentivada desde cedo:

Quem lê regularmente por prazer tem uma vida muito mais ativa e bem sucedida do que aqueles que preferem passar o tempo livre vendo TV ou dedicando-se a outras atividades que não exigem raciocínio. Para os primeiros, a vida é uma sucessão de novas experiências e de ampliação dos horizontes. Para quem se enquadra no segundo caso, a maturidade torna-se um processo de atrofiamento. (VEJA, 25 ago. 2004, p. 47)

Entretanto, é sabido que a realidade não é assim. A leitura, no âmbito escolar, já começa a ser apresentada como obrigatória e em casa, mesmo que exposta de maneira correta, perde cada vez mais seu espaço, sendo abandonada, esquecida e, muitas vezes, trocada por *tablets*, *smartphones* ou *video games*. A maior preocupação com essa geração – na qual tem a leitura como obrigação ou a substitui por outros afazeres e esquece que ler um livro pode ser prazeroso – é que como essa prática tem sido deixada cada vez mais de lado, as gerações futuras poderão seguir o mesmo exemplo. Assim, é interessante pensar que quando se tem um bom exemplo de leitor em casa, a criança, curiosa como só ela é, tem o desejo de saber o que está acontecendo – o que seus pais estão lendo – e, sendo assim, acabam pegando um livro, um jornal ou, até mesmo, uma revista e descobrem o mundo da leitura e o quão maravilhoso ele pode ser. Todavia, quando não se tem esse exemplo, as coisas, no âmbito da leitura, tendem a desandar.

Mesmo sabendo que a família tem um papel fundamental para engajar seus filhos no mundo da leitura, não se pode esquecer de que a escola e seu corpo docente possui um papel crucial na vida dos leitores em formação. Dessa forma, são os próprios formadores de leitores aqueles que podem ser a causa do impulso ou o motivo da desmotivação pela leitura. Calha ao professor, segundo Grazioli e Coenga (2014), a responsabilidade de atrair seus alunos à prática da leitura, destacando-se por meio da expressividade e criatividade.

Para Krug (2015, p. 6), a leitura possibilita ao leitor momentos de sentimentos e emoções, os quais o inspiram a procurar um ambiente repleto de possibilidades

⁴ Disponível em <www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/423/382> Acesso em: 21 junho 2017.

reformuláveis, quantas vezes forem necessárias, e a ser um agente ativo da busca contínua de conhecimento.

Compreende-se, então, ainda segundo Krug (2015, p. 5), que ler é um processo de suma importância e uma atividade que transcende a mera decodificação. *Ler* pressupõe um conjunto de habilidades que tornam indivíduos competentes a inserirem-se na sociedade de uma forma aceitável para, entre outras ações, transformar essa sociedade. Porém, para que isso possa acontecer, é preciso que haja professores mediadores nesse processo, professores que considerem o caráter social da leitura.

III – A LEITURA PARA OS FORMADORES

A leitura é uma das formas mais tradicionais, eficazes e necessárias para se obter um conhecimento, porém, um dos desafios recorrentes que atinge os professores, de uma forma geral, é o de se esmerar na leitura contínua. Portanto, dedicar-se à pesquisa para assim adquirir um conhecimento maior sobre a ciência que leciona, ou até mesmo ler sobre conhecimentos gerais para obter um vasto conhecimento de mundo e/ou interdisciplinar, para que dessa forma o professor saiba ligar vários saberes, são exemplos práticos do que o docente precisa enfrentar atualmente. Assim, se o profissional da educação conseguir passar por esses obstáculos, ele tornaria-se um professor que conseguiria passar seus conhecimentos aos seus alunos com habilidade, de forma que eles percebam, pelo próprio exemplo do professor, como a leitura os ajudará em sua aprendizagem e, até mesmo, em sua cosmovisão.

Ribeiro e Maiomoni (2016, p. 290) destacam que a prática de leitura na escola fracassa justamente pela forma como é operacionalizada. Retomando Ribeiro e Bortone (2001, p. 66), os autores ponderam que a leitura do texto é trabalhada linearmente, com a decodificação de conteúdos a serem avaliados e acrescentam o fato de se reduzir a leitura apenas a textos literários, tornando o processo irreal e particularizado. Dessa maneira, argumentam que as agências de letramento não contribuem no sentido de explicar os usos e as funções sociais da leitura e da escrita e, mas reduzem as diversidades de práticas discursivas que caracterizam as várias modalidades de leitura às de prestígio na tradição escolar.

Muitos são os obstáculos para que a prática de formação de leitores tenha êxito – principalmente os que são encontrados nas escolas públicas pertencentes às comunidades mais carentes: bibliotecas escassas, quantidades baixas de livros ou em péssimo estado de uso, infraestrutura que não proporciona aos alunos momentos de boas leituras. Todavia, o principal obstáculo encontrado é a formação do docente como leitor – tanto a inicial quanto a continuada –, sendo esta a maior dificuldade que tem atingido professores de um modo geral, de forma que, por conta disso, os alunos também têm sido atingidos e prejudicados em sua aprendizagem e em sua formação como leitores.

Não há como negar: é vital ter uma escola que funcione bem, com todos os pré-requisitos, para que esta proporcione aos alunos momentos aprazíveis de aprendizagem em todos os âmbitos e, principalmente, no que tange às leituras. Nesse sentido, deve-se concordar com Bordini e Aguiar (1993, p. 17), quando afirmam que:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor.

Muitos graduandos chegam em sua faculdade sedentos de aprender mais, empenham-se na busca de uma formação digna, entretanto, são desmotivados por diversos fatores. Ao longo do curso enfrentam desânimos e desapontamentos, ao terem aulas com professores sem preparo ou com didáticas ruins. Defrontam-se com professores doutrinadores – e não mediadores, determinados a imporem suas “verdades” a todo custo e também a disseminarem textos e mais textos muitas vezes julgados pelos próprios graduandos como inúteis e sem o menor valor para a sua aprendizagem e, principalmente, em sua formação como futuro docente. Entretanto, apesar desse percurso desanimador, ainda há graduandos resilientes que permanecem em formação contínua e que desejam agir de modo diferente com seus futuros alunos.

No começo de sua carreira, ao chegar em seu estabelecimento de trabalho, o professor se esforça para estudar, pesquisar, ler sobre sua matéria, se preparando

para ministrar sua aula com destreza. Porém, ao longo de sua jornada, além dos problemas de estruturas já observados no princípio, o professor se depara com outros três dilemas: acomodação, preguiça e desvalorização de sua profissão.

Quando se está trabalhando há muito tempo na mesma escola, os profissionais da educação podem vir a deparar-se com a acomodação, talvez por conta de uma estabilidade adquirida ao longo de sua carreira ou por ter um pensamento pessimista de que a realidade da educação não mudará tão cedo. Por isso, o docente tende a desenvolver uma preguiça para a renovação constante dos saberes e conhecimentos, esquecendo-se de que estes estão sempre em constante mudança.

A desvalorização do profissional da educação é uma séria razão e o principal motivo que leva os professores à desmotivação e, até mesmo, a desistirem dessa árdua, mas gratificante profissão. Ao perceber que há uma depreciação do seu trabalho, a começar do baixo salário e chegando ao desrespeito com que é tratado por alunos, pais e por muitos da sociedade, o docente vê-se titubeando e questionando se é isso mesmo o que ele realmente quer ter por anos e anos.

Esses três dilemas acarretam, dentre tantas outras coisas, na não disposição dos professores em persistir em sua formação continuada, o que afeta diretamente os alunos, pois o professor não se esforça para ler, estudar e poder mediar o conhecimento. Assim, o rendimento do seu aluno pode não cair, mas esta não disposição do professor contribuirá para que o conhecimento do aluno fique restrito a *pseudoverdades*, ou saberes obsoletos, os quais seus professores insistem em reproduzir sem ter o conhecimento de que o objeto a ser ensinado já passou por mudanças, pois os docentes não o sabem, principalmente, por falta de leituras.

A leitura é fundamental para todo ser humano, independentemente de sua condição social, etnia ou profissão. Porém, é indispensável que um professor seja ávido leitor e continue se esmerando para buscar novos conhecimentos por meio do ato de ler, pois não há como formar bons alunos e ávidos leitores, se aquele que é, na maioria das vezes, o maior exemplo de leitor não se esforça para tal coisa.

Constantemente os professores têm reclamado que seus alunos não têm o costume de ler ou que não sabem interpretar muito bem o que é lido em sala de aula, porém é necessário averiguar o que tem levado os professores a fazerem essa

reclamação. Será que o aluno é o culpado, pois não tem se esforçado para ser um leitor de grande reconhecimento? Será que a culpa é dos pais que não têm incitado seus filhos a lerem? Ou a grande parcela dessa culpa está nos próprios professores, sobretudo os de português, que não têm dado a motivação correta aos seus alunos no que tange à leitura e ao hábito de ler?

Essas hipóteses são, em diferentes níveis, atitudes que cooperam para que os discentes não se empenhem na leitura, porém, ao pensar na atitude dos docentes, é preocupante perceber como eles têm sido exemplos para seus alunos. Assim, se por acaso os alunos perceberem que seu professor é desinteressado pela leitura, que não prepara muito bem sua aula, tornando-se um educador displicente, eles podem optar por seguir seu mestre deixando de lado seu interesse como leitores.

O professor tem inúmeras formas de fazer com que seus alunos se desinteressem pela leitura, uma das que mais ocorrem especificamente com professores de português e com os pedagogos quando estão alfabetizando as crianças e também os adultos na EJA, é falhar no ensino da literatura. De acordo com uma pesquisa feita por Bordini e Aguiar (1993, p. 32) no Rio Grande do Sul, os professores têm falhado na adoção de livros de literatura ao usarem somente os livros didáticos escolhidos pela escola, os quais contêm apenas fragmentos de textos literários. Verifica-se que esses professores, esporadicamente, tão somente usam livros de literatura como complemento ao livro-texto, quando deveriam estimular a leitura da obra original com recursos diversos. E, segundo as autoras, ainda há aqueles docentes que não adotam livros literários, mas que em geral os substituem por folhas avulsas que possuem fragmentos de textos acompanhados de exercícios. Apesar de se tratar de uma pesquisa pouco recente, a recorrência dessa atitude é verificada nos dias atuais, conforme registram Aguiar e Bordini (1993, p. 33):

Uma leitura descompromissada, livre e estimulante da imaginação e da criatividade ou do senso crítico não é, portanto, enfatizada. A cada leitura correspondem atividades de responder exercícios gramaticais e de redação, sem qualquer relação com o caráter artístico de um texto literário, ou de interpretação com itens programados e direcionados para uma compreensão literal e primária.

Independente desse erro que muitos professores têm cometido, eles ainda se atêm ao hábito de ler, se preocupam com a formação da prática da leitura dos seus alunos, fortalecendo sempre sua criatividade e seu senso crítico, buscando ainda dar atenção às demandas e interesses destes. Entretanto, apesar dos docentes visarem tudo isso, ressalta Aguiar e Bordini (1993, p. 33) que

Os professores [...] não oferecem atividades nem utilizam recursos que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, a criatividade ou a tomada de posição, embora arrolem esses tópicos em seus critérios de aproveitamento escolar. O debate, a livre discussão e atividades que extrapolam o âmbito da sala de aula são esquecidos. As fórmulas mais carentes de criatividade e mais tradicionalmente empregadas, como aulas expositivas e exercícios escritos e orais de interpretação, são praticadas pela maioria, o que também promove a falta de incentivo e de motivação para a leitura dos alunos.

O que também pode causar a repulsa nos alunos no que tange à leitura é propor-lhes uma leitura chata, cansativa, na qual eles não vejam utilidade para a aplicação em sua vida e que não acompanhe a sua faixa etária, pois, de acordo com Bordini e Aguiar (1993, p. 19) “O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, que é condicionada por uma série de fatores: os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesses de leitura variados.”

Professores os quais se preocupam com seus alunos em seus diversos contextos, principalmente no que diz respeito à leitura, se esmeram em propor-lhes momentos de aprendizagem atrelados à vivência de cada um, tornando-lhes, assim, agentes de sua própria história. Para que isso aconteça com singularidade, com conhecimento e para que seus alunos tenham como exemplo de ávido leitor seu próprio professor, ele lê e estuda com afinco aquilo que logo mais irá ensinar e, assim, seus pupilos veem nele um exemplo a ser seguido.

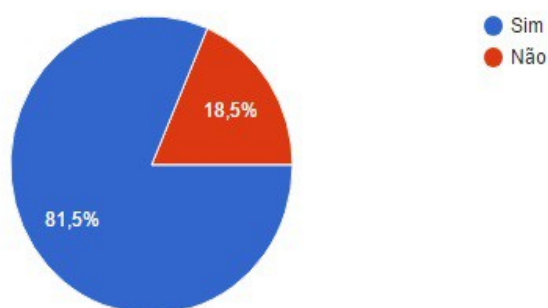
Esse pequeno gesto do professor – o de ser exemplo em sua leitura para poder compartilhar seus conhecimentos com mais propriedade e facilidade de interligar outros conhecimentos – irá fomentar a vontade nos seus alunos de serem leitores e inteligentes como esse professor é. E por adquirirem mais conhecimentos por meio de diversas leituras – não só da literatura –, isso irá afetar positivamente a

aprendizagem por conta dos diversos conhecimentos, da boa leitura e da ótima interpretação de textos também adquirida por conta do crescente hábito da leitura.

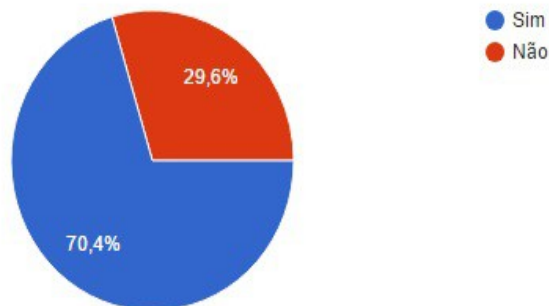
IV – COMO OS FORMADORES LEEM?

Para se responder esta pergunta, foram entrevistadas 81 pessoas. O objetivo inicial era dirigir o questionário apenas aos licenciandos dos cursos de Letras Português e de Pedagogia. Porém, por falta de compreensão textual ou por não terem lido o enunciado do questionário, licenciandos de outras licenciaturas e de outros quatro cursos – Relações Internacionais, Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo e Letras Português Bacharel – optaram por responder. Por achar as respostas de outros cursos interessantes e valiosas, optei por abrir o questionário para as demais licenciaturas, tais como Sociologia, Letras Inglês/Espanhol/LEA-MSI/Tradução/Francês/Românicas, História, Geografia, Educação Física, Artes Plásticas e Matemática predominando, entretanto, Letras e Pedagogia. A idade desses informantes varia entre 17 e 65 anos, sendo que 14, 8% têm 21 anos, e 56,8%, o equivalente a 46 pessoas, ainda se encontra cursando sua graduação.

Em relação ao incentivo à leitura, tanto em casa quanto na escola, é perceptível o quanto esses dois âmbitos são primordiais na formação de leitores. Foi perguntado se eles tiveram algum tipo de estímulo nesses ambientes. Na escola, a resposta foi a seguinte:

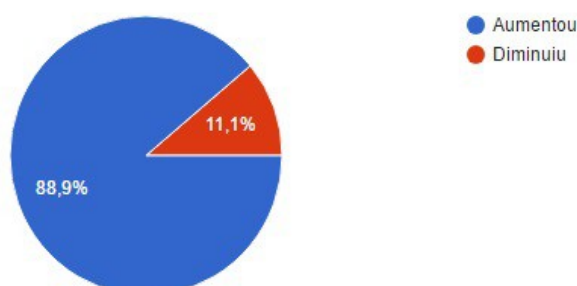


No que diz respeito ao incentivo da família, a resposta foi:



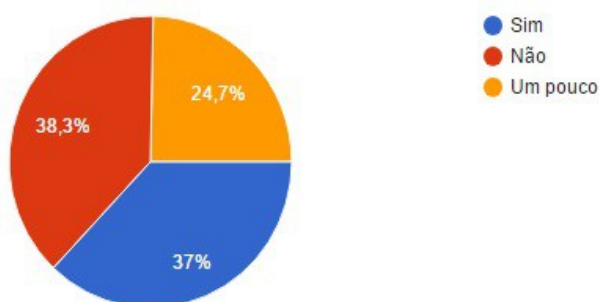
Percebe-se que a escola teve maior influência sobre os professores e futuros professores, o que revela o quanto possuem um papel fundamental na formação de leitores. Assim, de acordo com Krug (2015, p. 6), a instituição de ensino é responsável diretamente pelo ensino da leitura e, dependendo de como for sua postura em relação à leitura, poderá transformar seu aluno em um leitor ou distanciá-lo da prática, em sua maioria, para sempre. Porém, deve-se afirmar que a família, nessa pesquisa, não ficou para trás, pois também incentivou seus filhos a desenvolverem o hábito da leitura.

Ao longo dos estudos, tanto na educação básica quanto no ensino superior, são cobradas muitas leituras para aprender e se formar, de pouco a pouco, profissionais inteligentes e mais competentes. Apesar de isto ser um fato, percebeu-se que cerca de 11,1% das pessoas que responderam o questionário afirmaram que sua carga literária na graduação diminuiu:

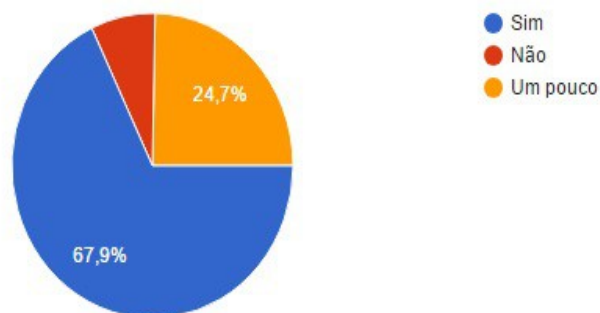


Apesar de a maioria, 88,9% das pessoas, ter falado que sua carga literária aumentou, existem aqueles que admitem que foi diminuída, o que não condiz com a informação comum, pois a tendência quando se trata do ensino superior é que sua carga de leitura aumente quase que obrigatoriamente. O que se pode inferir nessa questão é que, talvez, os currículos das graduações estejam falhando no que tange à formação de formadores de leitores, mas também a falha pode ser atribuída aos próprios graduandos que, não achando importante ou interessante as leituras obrigatórias, acabam negligenciando-as e prejudicando a si e aos seus futuros alunos que sofrerão por causa de sua displicência em sua formação.

Como foi dito anteriormente, a graduação exige muita leitura e, muitas vezes, por ela ser obrigatória, em excesso – e também por não serem prazerosas – o graduando vê-se desanimando, lendo de modo automático porque deve cumprir com suas leituras e não lhe sobra tempo para fazer uma leitura recreativa, escolhida por ele pelo prazer e não pela obrigação. Dentre quem respondeu o questionário 37% disseram que as leituras obrigatórias atrapalharam, sim, sua vida de leitura recreativa, ou seja, a leitura por prazer. Um público de 24,7% afirmou que atrapalharam um pouco e 38,3% responderam que não, como se pode observar no gráfico abaixo:



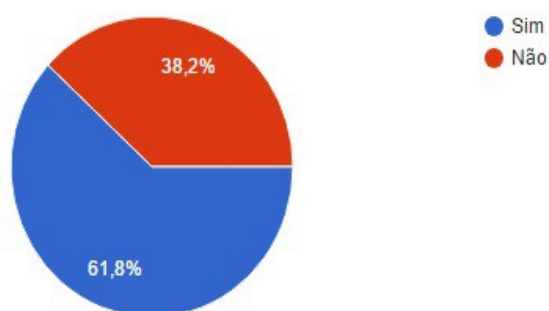
Ainda levando em consideração as leituras da graduação, foi perguntado se eles acham que a graduação lhes oferece textos necessários para sua formação:



Como se pode ver, apesar de a maioria considerar que, em sua graduação, houve textos que eles julgam ser importantes para sua formação como profissional e, sobretudo, um competente formador de leitores, 7,4% daqueles que responderam o questionário afirmam que os textos não ajudaram em sua formação, talvez por se aterem somente à teoria e não associá-la à prática.

Sabendo que a leitura é muito importante em qualquer graduação, principalmente na formação do licenciando – aquele que será o mediador entre o saber e o aluno –, e tendo em vista o seu público e o objeto de sua atuação, o professor é essencialmente um profissional que deve estar em constante formação, mesmo que sua graduação já tenha sido completada, pois o saber precisa ser renovado.

Ao ser perguntado aos que já atuam como professores – 55 pessoas – se eles conseguem conciliar sua vida profissional com as leituras obrigatórias (para fins de planejamento das aulas) e as recreativas, as seguintes respostas foram obtidas:



Após essas perguntas objetivas, foram feitas outras três perguntas, porém, subjetivas, às quais os graduados e graduandos de diversas licenciaturas responderam abertamente expondo seus pontos de vista acerca das questões propostas. A primeira questão desse segundo bloco de perguntas foi “Você pensa que para formar bons leitores os professores devem ser bons leitores? Por quê?”

Como esperado, a resposta da maioria foi positiva, muitos alegaram que para incentivar seus alunos é necessário ser exemplo, pois é impossível incentivar alguém a adquirir certo hábito se não se está habituado a tal prática. Alguns disseram também que os alunos são muito influenciados por seus professores, e, certamente, suas boas práticas serão lembradas e refletidas por seus discentes.

Ao responderem positivamente, alguns falaram também sobre a leitura obrigatória e a necessidade de se demonstrar coerência entre as obras obrigatórias e a idade dos leitores, pois quando o professor sugere livros aos alunos para a realização de sua aula, mesmo que seja um bom leitor – que se esforce e tenha didática no que faz –, mas ofereça aos alunos uma leitura muito avançada para sua faixa etária, ele torna essa leitura, para seus alunos, algo maçante, chato, não prazeroso e desanima-os ao invés de nutrir o gosto pela leitura. Entretanto, houve algumas respostas negativas argumentando que ser um bom leitor não implica necessariamente em ser um bom divulgador da prática e que o amor pela leitura (seja ela qual for), independe de um bom professor-leitor.

A próxima pergunta que foi feita diz respeito à ligação entre o hábito de leitura do docente e o ato de ensinar. A pergunta era: “Para você, se o professor for um ávido leitor, ele tem mais facilidade de ensinar? Por quê?”. Já nessa pergunta houve mais dissonâncias nas respostas. Aqueles que responderam “sim” disseram que quanto mais se lê, mais conhecimento se é adquirido e, assim, será mais fácil transmiti-lo aos seus alunos. Também foi falado que o professor, sendo um ávido leitor, tem maiores chances de estabelecer relações entre as leituras já feitas, de ampliar seus horizontes, de criar novas perspectivas e de possibilitar novos olhares sobre um mesmo objeto.

Houve alguns que ficaram em dúvida se ser um ávido leitor faria o professor ter facilidade de ensinar, segundo eles é necessário, mais do que ler muito, possuir didática, porém depende muito de cada professor, pois há aqueles os quais

conseguem atrelar a muita leitura com uma boa didática e outros, mesmo lendo com afinco, não conseguem vinculá-las. Disseram também que a leitura tem a ver com conhecimentos e por adquiri-los por meio dela, o professor tem mais facilidade de explicar e se comunicar com os alunos, diferentemente daquele que não possui o hábito da leitura.

Aqueles que afirmaram que não há nenhuma ligação entre a leitura e a destreza ao ensinar alegaram que a leitura não é necessária se o professor tiver didática, como também foi defendido por aqueles que ficaram em dúvida. Também disseram que o professor só terá sucesso não se for um ávido leitor, mas se souber aplicar sua leitura em sala de aula e, para ensinar, além de ter conhecimento, é preciso ter, da mesma forma, outras habilidades. Uma parcela pequena dessas pessoas não soube opinar sobre o assunto.

A última pergunta do questionário foi “E se o aluno tiver uma boa formação no âmbito da leitura, você acha que esse aluno terá mais facilidade em sua aprendizagem? Por quê?”. Como o esperado, a maioria respondeu positivamente, alguns alegaram que a leitura ajuda na capacidade cognitiva do aluno, outros falaram sobre a facilidade de interpretação de texto, pois ao ser um ávido leitor o aluno não terá dificuldades no que tange à leitura e à resolução de problemas, sejam eles no campo da matemática, no exercício de física e demais matérias por ele estudada. Ainda nessa questão, alguns também argumentaram que, assim como os professores, os alunos, se ávidos leitores, conseguem interligar conhecimentos outrora adquiridos por meio da leitura, o que colabora para uma aprendizagem mais completa e significativa.

Apesar de a maioria das respostas serem positivas, duas pessoas afirmaram estar em dúvida quanto a veracidade dessa última pergunta. A primeira ponderou que talvez a boa formação no âmbito da leitura possa influenciar na aprendizagem do aluno, pois a aprendizagem em sala de aula acontece em duas vias, então ela não depende apenas do que o professor aplica e também não apenas do que o aluno sabe. Assim, entende que, se o conteúdo for bem estruturado e apresentado, o aluno pode ter facilidade no conteúdo. A segunda tendeu mais para a resposta positiva, considerando que isso também influencia por causa do conhecimento

adquirido pelas outras leituras, porém, acredita que não é somente ser um ávido leitor que determina uma boa aprendizagem.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é, de fato, relevante para todo ser humano e, muitas vezes, o ato de ler tem sido esquecido ou trocado por diversos fatores externos, desde o não incentivo da família, falhas das escolas em relação à leitura, a organização das bibliotecas e sua estrutura, e até professores que não se esmeram nos estudos da própria disciplina e apresentam aos alunos uma aula com pouco conteúdo ou desmotivadora, com pouco ou sem nenhum embasamento teórico e fazendo com que eles se sintam desestimulados a ler.

É certo que há inúmeras formas de alguém ser estimulado a ler, porém, ao longo desse artigo, procurou-se demonstrar o quanto os professores têm esse poder de persuasão e sobretudo, têm um papel de exemplo, porque se é um educador que estuda e lê sobre diversos assuntos, se compartilha sobre suas leituras e as relaciona com conteúdos ministrados em sala de aula, o aluno começa a admirá-lo e tende a querer seguir seus passos em tudo o que ele fizer.

Foi destacado também que ao docente não basta ser somente um ávido leitor, é preciso também ter didática e metodologias coerentes que o ajude no ensino, não deixando-o cair na rotina tradicional de ensino e ver-se na situação de passar o conteúdo superficialmente sem instigar seu aluno a ter um pensamento crítico, para que o discente venha aplicar de forma prática o que lhe foi ensinado em diversos momentos de sua vida.

Além do que foi falado, aos professores de português, é necessário que adapte as leituras à idade de seus alunos, pois não adianta lhes dar livros e mais livros para que ele leia e aprenda gostar da leitura por conta própria – ainda mais livros que não são adequados à sua faixa etária e/ou que precisem de uma bagagem literária maior do que eles possuem –, é preciso ser sensível aos interesses dos alunos entendendo a fase de cada um e, se houver alguma dificuldade em suas leituras, fazer uma leitura mais dinâmica ou planejar uma aula que lhes deem um respaldo para que comecem a leitura. Esse erro pode ser fatal aos discentes e pode fazer com que eles tenham más lembranças de suas aulas de

literatura, refletindo no desinteresse pela leitura na fase escolar e a conseqüente privação de leituras ao longo da vida.

Por fim, é importante ressaltar a necessidade da formação continuada dos professores, seja buscarem programas ofertadas gratuitamente pelo governo, prefeitura e, até mesmo, pelas escolas nas quais eles trabalham. Não ficar estagnado em sua formação reflete diretamente na aprendizagem de seus alunos, pois quanto mais o professor estuda, mais conhecimentos ele pode transmitir.

VI – REFERÊNCIAS

- BORDINI, M. G; AGUIAR, V. T. **A formação do leitor**, alternativas metodológicas. 2. ed . Porto Alegre, 1993.
- BORTONE, M. E.; RIBEIRO, Ormezinda M. Letramento e leiturização. In: Anais do IX e X Seminários da Universidade de Uberaba. Uberaba: Editora Universidade de Uberaba, 2001. p. 65-67
- Dicionário Larousse Ilustrado da Língua Portuguesa*. 1. ed. Larousse do Brasil, 2004.
- Elaborando conhecimento para aprender a construí-lo. **Formação do formador**. Disponível em <<http://formacaodeformadorecoar.blogspot.com.br/2009/04/leitura.html>> Acesso em: 14 abril 2017.
- FORTESKI, E; OLIVEIRA, S. T; VALÉRIO, R. W. **Prazer pela leitura: Incentivo e o papel do professor**. Disponível em <www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/423/382> Acesso em: 21 junho 2017.
- GRAZIOLI, F. T.; COENGA, R. E. **Literatura Infante juvenil e leitura: novas dimensões e configurações**. Erechim: Habilis, 2014.
- KRUG, F. S. **A importância da leitura na formação do leitor**. Disponível em <www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1.pdf>. Acesso em: 29 maio 2017.
- Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa*. Porto: Lello Editores, 1996 e 1999.
- RIBEIRO, O. M. Janelas na construção da leitura. Uberaba: Vitória, 2006.
- RIBEIRO, O. M. MAIMONI, E. H. Família e escola: uma parceria necessária para o processo de letramento. In: RIBEIRO, O.M. et. al. **Diálogos sobre letramentos**. De professores para professores. Campinas: Pontes, 2016.
- SILVA, E. T. **O ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1987.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.